

Resiliência no Brejo da Cruz:

Sobrevivência e individuação

Resilience at Brejo da Cruz: survival and individuation.

Fernanda G. Moreira

Psiquiatra e Psicoterapeuta

Professora Afiliada da UNIFESP

Analista Junguiana pela SBPA

<http://fernandagmoreira.com.br/>

Contatos:

Fone/Fax: 50833424

femoreirapsi@gmail.com

R. Dr. Diogo de Faria 1202, cj. 11

Vila Clementino – São Paulo – SP

CEP 04037-004

Resiliência no Brejo da Cruz: Sobrevivência e Individuação

Fernanda G. Moreira

A novidade / Que tem no Brejo da Cruz / É a criançada / Se alimentar de luz
Alucinados / Meninos ficando azuis / E desencarnando / Lá no Brejo da Cruz
Eletrizados / Cruzam os céus do Brasil / Na rodoviária / Assumem formas mil
Uns vendem fumo / Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro / Cego tocando blues
Uns têm saudade / E dançam maracatus / Uns atiram pedra / Outros passeiam nus
Mas há milhões desses seres / Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta / De onde essa gente vem
São jardineiros / Guardas-noturnos, casais / São passageiros / Bombeiros e babás
Já nem se lembram / Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças / E que comiam luz
São faxineiros / Balançam nas construções / São bilheteiras / Baleiros e garçons
Já nem se lembram / Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças / E que comiam luz
(HOLLANDA, Chico Buarque de. Brejo da Cruz, 1984)

“A novidade que tem no Brejo da Cruz”

A boa nova é que as condições de vida e saúde têm melhorado de forma contínua e sustentada na maioria dos países no último século, especialmente nas últimas décadas. Isso se deve aos progressos políticos, econômicos, sociais e ambientais, assim como aos avanços na saúde pública e na medicina. Tais melhoras resultaram na redução significativa da incidência da mortalidade infantil, no Brasil e no mundo. As cenas que inspiraram o autor da música acima, de mortalidade por carência extrema no sertão nordestino, foram amenizadas. Mas, se a sobrevivência tem sido mais frequente nos “Brejos da Cruz”, os problemas continuam. As organizações – tais como a Mundial e a Pan-americana de Saúde – reconhecem tal melhoria, entretanto apontam a permanência de profundas desigualdades nas condições de vida e de saúde entre os países, regiões e grupos sociais (BUSS, 2000, p. 163-177). Com isso, as crianças, antes expostas ao risco biológico de morrer, experimentam os estresses relativos às condições desfavoráveis em que vivem. O aumento da urbanização, as mudanças na estrutura familiar, a escassez do suprimento alimentar, o desemprego e a violência são apontados como alguns desses fatores estressantes, os quais vêm atingindo níveis alarmantes e com maior número de vítimas em favelas, nas periferias dos grandes centros, os novos “Brejos da Cruz” (HALPERN & FIGUEIRAS, 2004, p. 104-110).

As crianças vítimas desses efeitos podem ter seu desenvolvimento e saúde mental afetados, em maior ou menor grau, quando vivenciam situações de abuso, maus-tratos, negligência e falta de estímulos ou estímulo inadequado. Essas vivências podem prejudicar ou comprometer o processo de individuação. Estudos internacionais recentes têm encontrado uma prevalência de problemas de saúde mental nas crianças variando de 10% até 20%, sendo considerados a causa mais importante de problemas de saúde na infância (HALPERN & FIGUEIRAS, 2004, p. 104-110). No Brasil, um estudo recente encontrou taxas semelhantes: 10% em áreas urbanas de classe média e em áreas rurais carentes, e em torno de 20% em áreas urbanas em situação de vulnerabilidade social (FLEITLICH & GOODMAN, 2001, p. 599-600).

Apesar das prevalências significativas, também chama atenção o fato de tantas crianças estarem se desenvolvendo em ambientes insalubres de forma aparentemente saudável.

A psicologia tem apresentado como via teórica para compreender e discutir essas interrogações o conceito de resiliência, comumente definida como a capacidade de o indivíduo, ou a família, enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, mas conseguir superá-las. (PINHEIRO, 2004, p. 68)

Pinheiro (2004) ressalta que resiliência não significa invulnerabilidade, mas flexibilidade e capacidade de superação. Esse conceito foi importado da física, sendo definido pela capacidade de algo (ou alguém) sofrer um impacto sem se deformar (PINHEIRO, 2004, p. 68). Por exemplo: quanto uma fibra de tapete pode ser pisada e retornar à posição original? Mas, se na física trata-se de um atributo objetivo e mensurável dos materiais, quando falamos de seres humanos entramos num campo legítimo de subjetividade: a capacidade de um indivíduo manter o desenvolvimento saudável sob condições adversas.

“Alimentando-se de luz”

Sobre desenvolvimento saudável, Neumann (1980), entre outros autores, afirma que “a relação primal mãe-filho é decisiva nos primeiros meses de uma criança”. Segundo esse autor, no primeiro ano de vida, a criança nem sequer se diferencia da mãe como sujeito; esta representa o mundo e se confunde com o ambiente (Neumann, 1980, p. 11). Porém, é importante definir de que mãe Neumann está falando. Trata-se da imagem arquetípica da

mãe, que não é constituída necessária e exclusivamente pela mãe biológica (NEUMANN, 1980, p. 167). “Jung chama de arquétipo da grande mãe o que cuida da nutrição e fertilidade” (GALIÁS, 2001, p. 66). Outras pessoas podem exercer ou contribuir com essa função, participando da humanização desse arquétipo em uma criança. Assim como mãe e ambiente confundem-se nessa fase, carências e dificuldades provenientes do ambiente também compõem a imagem arquetípica da mãe. Ou seja, a vivência da primeira infância em situação de extrema pobreza ou miséria é uma vivência do arquétipo da grande mãe em sua polaridade terrível: a grande mãe ferida ou insuficiente.

A mãe pessoal, como humanizadora do arquétipo, pode ou não atenuar as carências e dificuldades, ajudando a criança a “se alimentar de luz”, a se alimentar do que existe de nutritivo e luminoso mesmo nos ambientes mais inóspitos. Especialmente no primeiro ano de vida, o ambiente chega até a criança pelo filtro da mãe. Uma paciente com história de privações materiais importantes na infância uma vez me descreveu sua mãe como “uma mulher que tirava tudo do nada”, “sempre arrumava um jeito de ter uma comida muito gostosa, para a família e para as pessoas em volta que precisavam”. Porém, mesmo com essa imagem idealizada da mãe, essa paciente não deixou de ter consciência das privações sofridas.

É importante ressaltar que Neumann fala de relação primal, ou seja, a criança também participa do processo com suas características próprias, sofrendo mais ou menos intensamente o efeito de tais privações. Jung (1912) é categórico: “os filhos reagem de maneiras diversas à influência dos pais. Possuem, portanto, determinantes individuais” (JUNG, OC vol. V par. 263). Voltamos então à questão da subjetividade na capacidade de “se alimentar de luz”, na resiliência. Dessa forma, a semente da resiliência estaria na subjetividade do indivíduo influenciando o processo de humanização dos arquétipos, nesse caso do arquétipo materno, conjuntamente com os pais biológicos ou adotivos, demais cuidadores e elementos ambientais.

Claro está que algumas crianças não conseguem se nutrir suficientemente, “ficando azuis e desencarnando”. Porém, como dito no início, elas estão diminuindo drasticamente em número, e a maior parte delas tem alcançado a adolescência.

“Eletrizados / Cruzam os céus do Brasil”

A partir da adolescência, a ativação do arquétipo do herói deixa as, até então crianças, como que “eletrizadas”. O momento da adolescência traz as ideias de crise, revolução, movimento, transformação (BLOISE, 2002, p. 108). A adolescência é o momento

de passagem de um círculo social restrito – a família – para um universo social muito mais amplo, em outras palavras, da endogamia para a exogamia. Dessa necessidade é forjada a gesta heroica, e o arquétipo do herói é ativado. O adolescente tem a missão de, partindo da identidade corporal, desenvolvida na infância através dos valores culturais e coletivos, buscar sua identidade psíquica, aquilo que ele tem de singular, em oposição à identidade coletiva de até então. A partir desse movimento, dessas mudanças, os indivíduos “assumem formas mil”. “O caminho para a gesta é o reclamo arquetípico pelo buscar sua identidade própria” (ALVARENGA, 1999, p. 49-50).

Na jornada heroica, sair da casa dos pais, da cidade natal, viver em outras terras é uma etapa comum. “O herói vai à busca do novo, da semente, da técnica, como vai à busca de uma tribo diferente da sua” (ibidem, p. 54). Em relação às cidades pequenas, ao interior do Brasil, ao sertão, aos “Brejos da Cruz”, à periferia, a promessa de encontro do novo, da técnica, da ascensão social, do emprego mais bem-remunerado está nos grandes centros, na cidade grande, no centro da cidade. A migração, temporária ou permanente, está presente em muitas jornadas heroicas de nossas crianças “alimentadas de luz”. É na rodoviária que “assumem formas mil”.

“Uns vendem fumo / tem uns que viram Jesus”

Dentro da concepção chinesa para a palavra crise (= oportunidade e risco), toda adolescência inclui a oportunidade de crescimento, amadurecimento e independência, mas inclui igualmente riscos. A adolescência marcada pelo ambiente desfavorável inclui riscos extras. Ao contrário do que acontece nas classes média e alta, onde o período da adolescência tem sido alargado, nas famílias em condição de miséria e pobreza, as crianças precocemente recebem responsabilidades de adultos. Ingressam precocemente no mercado de trabalho, com o objetivo de contribuir para a renda familiar.

Em termos de desenvolvimento psíquico, é essencial para a criança na segunda infância brincar. Apressar a adolescência significa encurtar a infância, tempo de criar e imaginar o real, fazer de conta. Byington (2008) chamou esse processo de “função estruturante do brincar”, que seria a forma de elaboração simbólica da criança, que possibilita a formação de consciência e a estruturação do ego. Só que a adaptação social no mundo produtivo pede uma criatividade dirigida e subordinada às tarefas da vida, na contramão da fantasia e da brincadeira. “Não se brinca em serviço.” Dessa forma, o ingresso precoce no mercado de trabalho “tende a diminuir a criatividade porque esta fica engessada,

robotizada, automatizada, perdendo sua espontaneidade e individualidade” (BYINGTON, 2008, p. 91-92). Este autor ainda nos avisa dos riscos inerentes a esse fenômeno:

A diminuição da criatividade durante o desenvolvimento tende a despersonalizar o ser humano, empurrando-o para a massificação, o que vai dificultar a diferenciação no processo de individuação. (Ibidem, p. 92-93)

Temos assim mais um ataque à grande mãe, alargando a ferida preexistente dos tempos da primeira infância. O tempo do reinado da grande mãe é usurpado em função da entrada precoce no mundo patriarcal do trabalho. “Para o mundo patriarcal, ser adulto é ser patriarcal e abolir a dinâmica matriarcal que é considerada primitiva, infantil, subdesenvolvida” (PENNA, 1995, p. 68).

Em sua dissertação de mestrado, Rigato (2002) relata que:

Em situações de pobreza extrema, é comum os pais encorajarem seus filhos a obter independência financeira muito precocemente, muitas vezes através de pressão ou até mesmo violência. Nessas condições, o trabalho é culturalmente valorizado como uma fonte de superioridade moral, além de meio de proteção contra os riscos e descaminhos, como uso de drogas e criminalidade.

Contudo, esta autora aponta a relação da entrada precoce no mercado de trabalho com a evasão escolar, a exploração e a facilitação da saída da casa da família para morar na rua (RIGATO, 2002, p. 124-125).

A responsabilidade precoce de compor o orçamento familiar traz riscos extras nos grandes centros. Trabalhar para o tráfico de drogas é muitas vezes a colocação com maior chance de mobilidade social para os mais jovens e sem escolaridade, sendo que “a ascensão social neste caso tem a conotação de alcançar uma condição de vida mais digna, não de enriquecer”. O uso de entorpecentes nesses casos seria também uma forma sombria de resgate da fantasia perdida.

Outros símbolos do trabalho no tráfico são os de status e poder, reconhecidos nas comunidades e até nas escolas públicas, onde os professores “não mexem” com aqueles identificados como trabalhadores do tráfico (MOREIRA, 2003, p. 98). O mundo patriarcal é hierárquico. É um mundo do maior e do menor, onde o mais forte, ágil, inteligente, produtivo, desenvolvido, rico é mais valorizado. “Ser do Terceiro Mundo é ser

subdesenvolvido – marginal – aos olhos do Primeiro Mundo” (PENNA, 1995, p. 68). No Brasil, os grandes centros assumem o papel do “grande pai – mundo desenvolvido” em relação ao interior, ao sertão – filhos “em desenvolvimento”. E, nos grandes centros, a mesma hierarquia se dá entre os bairros urbanizados e a favela, entre as regiões nobres e a periferia. “A vida no asfalto” vale mais que a “do morro”. O fenômeno do tráfico subverte essa hierarquia.

A altíssima mortalidade dos trabalhadores no tráfico não significa muito para esses adolescentes, uma vez que, nessa idade, ainda permanecem resquícios do pensamento mágico infantil, que os leva a acreditar que “comigo vai ser diferente”. Afinal de contas, o cumprimento da tarefa do herói inclui o “confronto com a morte, sem o que o eu, através do herói, não poderá emergir para o tempo novo da consciência” (ALVARENGA, 1999, p. 52).

Segundo Bloise (2002), os símbolos de morte, renascimento e solidão são inerentes à adolescência: “os símbolos da morte revelariam a necessidade que essa fase apresenta de algo especial”. Desafiar a morte, simbolicamente, faz parte dessa fase, assim como matar simbolicamente os pais para buscar os próprios valores. Porém, os adolescentes do tráfico muitas vezes tomam o desafio da morte de forma muito literal, como que aprisionados pelo arquétipo do herói, muitas vezes tornando-se mártires pós-modernos (BLOISE, 2002, p. 108-109).

“Muito sanfoneiro / Cego tocando blues”

Podemos entender a resiliência como o fator coadjuvante que, aliado a dons individuais, como dons artísticos, cognitivos ou esportivos especiais, somados a uma boa dose de sorte, podem mudar o destino de alguns jovens provenientes dos muitos Brejos da Cruz brasileiros. Além da sorte, seria também a resiliência a característica necessária, responsável por esse arranjo especial, esse equilíbrio que diferencia um Sivuca de tantos sanfoneiros que passam a vida tocando em festas de aniversário no interior do Brasil? Os talentos de Sivuca, Zé Ramalho, Ariano Suassuna, Chico César, para citar apenas alguns, são indiscutíveis. Mas, para orquestrar uma carreira sólida e ser reconhecido, não basta o talento. É preciso um conjunto de características harmonizadas, que façam frente aos inúmeros obstáculos que a vida propõe.

“Mas há milhões desses seres / Que se disfarçam tão bem”

A resiliência poderia ser entendida como um arranjo psíquico favorável às características do ambiente, por exemplo, um bom equilíbrio entre a ativação do arquétipo

do herói e uma estruturação patriarcal sólida na sociedade ocidental. Tal arranjo permite aos jovens dessa música se estruturarem profissionalmente, como “jardineiros, guardas-noturnos, bombeiros e babás”. Essa estruturação patriarcal é forjada, inclusive, pelo ambiente inóspito e carente ao qual esses jovens tiveram que se acostumar. “O sertanejo é, acima de tudo, um forte” (CUNHA, 1985, p. 137, 179). Que grande elogio ao herói patriarcal!

O compositor traz o risco final dessa estruturação:

Já nem se lembram / Que existe um Brejo da Cruz

Que eram crianças / E que comiam luz (HOLLANDA, 1984)

Temos aqui o risco da ocultação da ferida matriarcal na sombra, inclusive à custa do arquétipo da criança divina. Lembrar do Brejo da Cruz, da carência alimentar, material, do sentimento de insegurança, além de doloroso é desencorajado socialmente: “Ninguém pergunta de onde essa gente vem”. Penna (1995) fala de uma negação coletiva do pobre que existe em cada brasileiro, independentemente de classe social. Somos do “Terceiro Mundo”, mas pobre é sempre o outro. Não gostamos de nos identificar, ou nos lembrar, da carência, então ela é projetada no outro – sempre tem alguém mais pobre ou miserável (PENNA, 1995, p. 69).

Segundo Jung (1940), “o arquétipo não provém de fatos físicos, mas descreve como a alma vivencia a realidade física” e, ao mesmo tempo, “o motivo da criança representa o aspecto pré-consciente da infância da alma coletiva”. Dessa forma, ao esquecer na sombra as lembranças dolorosas da sua infância real, de criança carente o jovem passa a “carente de infância, perdendo suas raízes”. O arquétipo da criança divina traz os opostos do velho e do porvir, trazendo a conexão com as raízes psíquicas e possibilitando a criatividade, a emergência do novo e da transformação (JUNG, OC vol. IX/1 par. 260-285).

A criança é tudo o que é abandonado, exposto e ao mesmo tempo o divinamente poderoso, o começo insignificante e incerto e o fim triunfante. A “eterna criança” no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, uma desvantagem e uma prerrogativa divina, um imponderável que constitui um valor ou desvalor último de uma personalidade (JUNG, OC vol. IX/1 -par. 300)

Portanto, tal supressão do arquétipo da criança divina pela sombra contribui com a perpetuação da situação dos Brejos da Cruz, dentro e fora da psique de seus habitantes.

Segundo Penna (1995), o continente americano foi forjado no princípio dissociativo consciente/inconsciente, da entrada repentina de um dinamismo patriarcal em um momento ainda de dinamismo matriarcal (PENNA, 1995, p. 68). Esse fenômeno é facilmente observável nas nossas crianças oriundas dos Brejos da Cruz, que, precocemente, entram no mercado de trabalho com a responsabilidade de compor a renda familiar. Porém, quanto maior a adaptação ao dinamismo patriarcal, mais bem-sucedida a adaptação ao ambiente e à sociedade e, muitas vezes, maior a dissociação. Quando a psique não aguenta tamanha dissociação, rompendo e sucumbindo à patologia psíquica, “uns atiram pedras, outros passeiam nus”.

“Uns têm saudades e dançam maracatus”

Ao alimentar a nostalgia, muitos mantêm vivos e atuantes o dinamismo matriarcal e o arquétipo da criança divina. Essa nostalgia não é encorajada socialmente. Na tentativa de negar o pobre e subdesenvolvido de cada um, as pessoas nas grandes metrópoles brasileiras projetam esse personagem nos recém-chegados, com seus sotaques, roupas, músicas e costumes característicos. Os sotaques e regionalismos de linguagem rapidamente devem ser “corrigidos”, como se fossem erros. As músicas podem ser até admiradas em espetáculos, mas raramente são consideradas adequadas aos ambientes sociais. Essa negação dos valores relacionados à cultura de origem é mais um ataque à grande mãe. Porém, dançando maracatu, comendo bolo de rolo, acendendo velas para Padre Cícero, toda uma identidade cultural é preservada.

Um paciente originário do Crato (CE), que veio para São Paulo para estudar teatro, sobrevivia como garçom e dando aulas de alemão, orgulhava-se de circular nas rodas da moderna cultura paulistana. Em uma sessão, ele me segredou: “Quando eu parar de acreditar em padre Cícero, não saberei mais quem sou”. Ele tinha toda a razão. Com o “santo padrinho”, uma parte da identidade dele estava sendo resgatada.

Isso também tem a ver com resiliência: essa sabedoria instintiva, que reconhece a necessidade de tais resgates, independentemente de reforço social.

Jung fala da importância da introversão e do retorno ao arquétipo da grande mãe em alguns momentos, do retorno à identidade primitiva. Através da introversão, o arquétipo seria ativado. Porém é igualmente importante que, do momento de introversão, siga-se um momento de extroversão, humanizando o arquétipo. Esse movimento possibilitaria a emergência de uma ideia criativa salvadora, para um indivíduo ou uma comunidade. Jung chama atenção para o risco inerente a esse processo:

Se a libido fica presa no reino maravilhoso do mundo interior, o homem se transforma em sombra para o mundo exterior, ele está morto ou gravemente doente. Mas se a libido consegue desvencilhar-se e subir à tona, o milagre aparece: a viagem ao submundo é uma fonte da juventude para ela e da morte aparente desperta novo vigor. (C. G. JUNG, OC vol. V par. 449)

O milagre necessário, nesse caso, seria a integração dialética dos dinamismos matriarcal e patriarcal, a emergência do dinamismo de alteridade para o indivíduo e para a sociedade.

O que significa “se alimentar de luz”?

Voltando à questão da resiliência, RALHA-SIMÕES (2001) interroga se é possível falar de resiliência sempre que houver sobrevivência física e psicológica da pessoa diante dos fatores de risco, ou se seria resiliente o indivíduo que não só supera as adversidades, mas se sente feliz e em paz com sua existência (RALHA-SIMÕES, 2001, p. 95). Bem, claro está que o ser humano não tem a capacidade de fazer fotossíntese. Passar por adversidades implica em, necessariamente, ser impactado por elas, caso contrário, ou não seriam adversidades verdadeiras, ou voltaríamos à situação de repressão na sombra.

Na minha compreensão, a resiliência reside na capacidade de, uma vez impactado pelas adversidades, sofrer transformações que, no processo de individuação, resultem mais em crescimento que em deformidade.

Sinopse

Este artigo parte da ampliação dos símbolos existentes na música “Brejo da Cruz”, de Chico Buarque de Hollanda, para chegar a um conceito de resiliência que abarque a subjetividade do processo de individuação. Para tanto, são discutidos os conceitos dos arquétipos da criança divina e da grande mãe, e os aspectos criativos e defensivos do dinamismo patriarcal. O processo de humanização do arquétipo da grande mãe, sendo influenciado pelos pais biológicos ou adotivos, demais cuidadores e fatores ambientais, pode ser ferido pela vivência de miséria ou extrema pobreza. Essa ferida matriarcal seria ampliada pelo encurtamento da infância causado pela entrada precoce no mercado de trabalho. O dinamismo patriarcal, culturalmente reforçado, facilita a adaptação nessas condições adversas, mas traz o risco da patologia psíquica advinda da dissociação da ferida matriarcal.

O milagre necessário, nesse caso, seria a integração dialética dos dinamismos matriarcal e patriarcal, a emergência do dinamismo de alteridade para o indivíduo e para a sociedade. A resiliência não se resume à adaptação às exigências sociais, ou à ausência do impacto ao passar por essas adversidades. A resiliência reside na capacidade de, uma vez impactado pelas adversidades, sofrer transformações que, no processo de individuação, resultem mais em crescimento que em deformidade.

resiliência; desenvolvimento; individuação; arquétipo da grande mãe, arquétipo da criança divina; dinamismo patriarcal

resilience; development; individuation; divine child archetype; great mother archetype; patriarchal dynamism.

Abstract

This paper begins with the song “Brejo da Cruz”, of Chico Buarque de Hollanda, and its symbols aiming to build a resilience concept that includes the subjectivity of the individuation process. The author discusses the concepts of the archetypes of divine child and great mother, and the creative and defensive aspects of the patriarchal dynamism. The process of humanization of the great mother archetype is facilitated by the parents, biological or adoptees, and environmental aspects. It can be damaged by the experience of extreme poverty. This patriarchal wound can be worsened by lost childhood, due to early engagement in the labor world. The patriarchal dynamism, culturally reinforced, makes the adaptation in those adverse conditions easier but engenders the danger of the psychiatric disorder, due to harmful dissociation of the patriarchal wound. The necessary miracle, in this case, would be the dialectic integration of the patriarchal and patriarchal dynamisms. Resilience is not only social adaptation, or lack of impact when suffering adversities. Resilience is the ability to, once impacted by adversity, undergo transformations in the individuation process, primarily resulting in growth and not in deformity.

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, M. (1999). O herói e a emergência da consciência psíquica. *Junguiana*, 17, p. 47-56.
- BLOISE, P. (2002). *O desenvolvimento da personalidade na perspectiva da psicologia analítica e taoísta*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.
- BUSS, P. M. (2000). Promoção de saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(5, Supl 1), p. 77-163.
- BYINGTON, C. (2008). Processo de elaboração simbólica. In: *Psicologia simbólica junguiana*. São Paulo: Linear B. p. 77-113.
- CUNHA, E. (1985). *Os sertões: campanha de Canudos (1902)*. São Paulo: Brasiliense.
- FLEITLICH, B.; GOODMAN, R. (2001). Social factors associated with child mental health problems in Brazil: cross sectional survey. *British Medical Journal*, Sep. 15(323), p. 599-600.
- GALIÁS, I. (2001). O papel da mulher no resgate da grande mãe em nossa cultura. *Junguiana*, 19, p. 63-70.
- HALPERN, R.; FIGUEIRAS, A. (2004). Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria*, 80, (Supl 2), p. 10-104.
- HOLLANDA, C. B. (1984). Brejo da Cruz.
- Jung, C. G. (2008). *Símbolos da transformação (1912)*. OC vol. V. 6º ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2008). A psicologia do arquétipo da criança (1940). In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. OC vol. IX/1. 6º ed. Petrópolis: Vozes. p. 151-180.
- MOREIRA, F. G. (2003). *Situações relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas públicas da cidade de São Paulo: uma aproximação do universo escolar*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.
- NEUMANN, E. (1980). A relação primal mãe-filho e as primeiras fases do desenvolvimento da criança. In: *A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. São Paulo: Cultrix. p. 9-22.
- PENNA, E. (1995). Sobre o Terceiro Mundo: um símbolo de subdesenvolvimento. *Junguiana*, 13, p. 68-71.
- PINHEIRO, D. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), p. 67-75.
- RALHA-SIMÕES, H. (2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez. p. 95-114.
- RIGATO. (2002). *Descrição do perfil sócio-demográfico e avaliação de comportamentos de risco de crianças e adolescentes atendidos pelo Projeto Quixote*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.